

# “Um é pouco, dois é bom”, três (ou mais) é demais? – processos de negociação em torno de (in)definições êmicas do poliamor

*Matheus França<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho é fruto de uma dissertação de Mestrado cujo tema é poliamor. O objetivo aqui será o de discutir, à luz da etnografia que realizei em Brasília/DF, algumas considerações acerca dos múltiplos processos de negociação e disputa em torno das diversas (e possíveis) definições êmicas da ideia de poliamor, que envolvem discussões tanto em âmbito *on-line* quanto presencial. Interpreto o constante agendamento de debates no grupo do Poliamor Brasília (onde realizei o trabalho etnográfico) a partir das formulações de Michel Foucault sobre o cuidado de si. Isso porque no grupo em questão a busca por definição de um poliamor que se propõe ideal alude à ideia apresentada pelo autor sobre a trajetória da prática do cuidado consigo mesmo/a, da atenção voltada para a resolução de conflitos internos de si. Assim, a perspectiva volta-se para as subjetividades, ou seja, para como eles/as olham para si e elaboram, reelaboram, debatem e sintetizam ideais de vivências afetivo-amorosas. Com efeito, todos esses debates em torno da definição do poliamor estão permeados por processos de identificação que surgem enquanto enunciados e práticas em torno de possibilidades afetivas não-monogâmicas.

**Palavras-chave:** poliamor; relações não-monogâmicas; cuidado de si; Identidade

## Two is company... is three (or more) a crowd? – negotiation processes on the native (un)definitions of polyamory

**Abstract:** This work is the result of a Masters dissertation about polyamory. The aim here will be to discuss, in the light of the ethnography that I conducted in Brasília/DF, some considerations about the multiple processes of negotiation and dispute around the various (and possible) native definitions of the idea of polyamory, which involves discussions both in online and offline spaces. I interpret the constant scheduling of debates in the group of Poliamor Brasília (where I carried out the ethnographic work) from the formulations of Michel Foucault on the care of the self. This is because in this group the seek for definition of a polyamory that proposes to be ideal alludes to the idea presented by the author about the trajectory of the practice of self care, of the attention focused on the resolution of internal conflicts of self. Thus, the perspective turns to subjectivities, that is to say, to how they look at themselves and elaborate, re-elaborate, debate and synthesize ideals of affective-loving experiences. Indeed, all these debates around the definition of polyamory are permeated by processes of identification that arise as statements and practices around non-monogamous affective possibilities.

**Keywords:** polyamory; non-monogamous relationships; care of the self; Identity

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). E-mail: matheusfranca@gmail.com

## Introdução<sup>2</sup>

O presente trabalho tem como objetivo trazer algumas reflexões oriundas da dissertação de Mestrado que desenvolvi no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB). Inicialmente, aponto que o trabalho etnográfico foi conduzido entre abril de 2014 e setembro de 2015. A partir de julho de 2014, a etnografia foi mais precisamente levada a cabo no âmbito do grupo Poliamor Brasília – DF. Este grupo foi criado com o intuito de promover debates e conversas a respeito do poliamor entre residentes do Distrito Federal.

Além do grupo virtual, formado no site *Facebook*, participei de grupos também virtuais formados no aplicativo (para *smartphones*) de comunicação *WhatsApp* e de encontros presenciais. Os encontros presenciais dividiam-se em “polienccontros do amor”, que tinham como objetivo debater questões específicas previamente elegidas, e “happy hours do amor”, que eram eventos mais voltados para sociabilidade entre participantes, geralmente em bares e botecos da cidade de Brasília.

O público era majoritariamente formado por sujeitos de 18 a 35 anos, grande parte universitários/as. Havia boa diversidade de raça/cor, classe, gênero, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença, como geração. Contudo, apesar dessa heterogeneidade, foi possível perceber que o grupo apresentava gostos e estilos de vida ligados à juventude de classe média de centros urbanos<sup>3</sup>.

Para o presente artigo, decidi trazer alguns dados de pesquisa que dizem respeito à ideia própria de poliamor do ponto de vista de quem o pratica, e especialmente ao deslizamento de significados estabelecidos por eles/as entre monogamia, poliamor e outras formas de não-monogamia.

## Conhecendo o poliamor

Detenho-me agora mais especificamente na discussão sobre o conceito de poliamor, suas indefinições e relações com outras formas de não-monogamia, dialogando dados de campo e outros estudos etnográficos sobre o tema. Dessa forma, intento refletir sobre como esses sujeitos mobilizam seus sentimentos e suas emoções a partir dos processos de identificação que permitem que eles/as acionem subjetiva e discursivamente a noção de poliamor.

Gostaria de pontuar minha intenção de não fechar e/ou estancar o conceito de poliamor, uma vez que o trabalho de campo me mostrou que uma das riquezas dos debates promovidos pelo grupo é justamente a busca por definição desta forma de afetividade – que se repetia a cada encontro do grupo, qualquer que fosse o tema. Tal dado etnográfico me faz concordar com as formulações de Stuart Hall (2005; 2011) sobre identidade, cujo entendimento não é essencialista, mas sim estratégico, processual e posicional. Segundo o autor, essa concepção entende que as identidades não são nunca unificadas; ao contrário, que elas são “cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2011, p. 108). Ademais, concordo com Hall (2011, p. 104) ao

---

<sup>2</sup> Artigo decorrente de pesquisa de Mestrado desenvolvida no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB), sob orientação da Prof<sup>a</sup> Lia Zanotta Machado e apresentado no V Conversas da Kata, dos/as discentes em Antropologia do DAN/UnB.

<sup>3</sup> Tal afirmação, um tanto quanto vaga e pouco precisa, é parte de um argumento sobre juventudes e espaços urbanos que desenvolvo com mais espaço na minha dissertação (FRANÇA, 2016).

colocar a noção de identidade sob rasura, no sentido cunhado por Jacques Derrida (1971; 1973). Para o autor, colocá-la sob rasura é assumir que ela desgastou-se enquanto conceito analítico e explicativo em sua forma original, não reconstruída; e, ainda assim, continuar operando com a mesma, por ser um conceito de difícil substituição, ou mesmo de “superação dialética” (HALL, 2011, p. 104), porém agora a partir de um viés de desconstrução e fora dos paradigmas em que ela foi inicialmente pensada.

No que diz respeito ao trabalho de campo que realizei, levo em conta que um dos pontos cruciais para que a identidade poliamorista não seja fechada, estanque (assim como nenhuma outra o é), é o fato de que ela é processada num ínterim de incessantes devires, mobilizados por meio de construções intersubjetivas entre aquelas/es que se identificam enquanto tal.

Segundo Pierre Bourdieu<sup>4</sup> (2007, p. 14), que se debruçou em estudos sobre o capital herdado culturalmente e adquirido no processo educacional, as práticas e as identificações expressam condições de existência, ou estilos de vida, porque são produtos do mesmo operador prático, o *habitus* – “sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto”. É assim que a ideologia do gosto natural, que repousa na negação de todas as evidências, tira sua aparência e sua eficácia daquilo que, como todas as estratégias ideológicas que se engendram na luta de classes cotidiana, convertem em diferenças de natureza as diferenças no modo de aquisição da cultura.

Sendo assim, gosto, para Bourdieu (2007), se caracteriza pela propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras. Ou ainda, fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida – conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem em cada um dos subespaços simbólicos (móvel, vestimentas, linguagem ou *hexis* corporal) uma mesma intenção expressiva.

De fato, por intermédio das condições econômicas e sociais que elas pressupõem, as diferentes maneiras, mais ou menos separadas ou distantes, de entrar em relação com as realidades e as ficções, de acreditar nas ficções ou nas realidades que elas simulam, estão estreitamente associadas às diferentes posições possíveis no espaço social e, por conseguinte, estreitamente inseridas nos sistemas de disposições (*habitus*) característicos das diferentes classes e frações de classe” (BOURDIEU, 2007, p. 14).

Dessa forma, para Bourdieu (2007), os grupos se investem inteiramente, com tudo o que os opõem aos outros grupos, nas palavras comuns onde se exprime sua identidade, quer dizer, sua diferença. Ademais, como nos lembra Lia Zanotta Machado (2010; 2014a; 2014b) ao tratar de forma mais central a questão de gênero, não existem identidades pretensamente fixas e eternas, mas sim identificações em processo. Assim, acredito que, da mesma maneira que pensar gênero é extrapolar as supostas identidades fixas de masculino ou feminino, pensar o poliamor é também entender que os sujeitos estabelecem não uma identidade poliamorista em si, mas sim engendram processos de identificação que se dão em âmbito subjetivo, a partir da elaboração de determinados sentimentos e emoções. Partindo dessa premissa, é possível entender que nem mesmo poliamoristas ambicionam fechar-se em um conceito que ainda está em construção. Sendo assim, faz-se necessário, antes de pensar o poliamor enquanto categoria êmica, contextualizá-lo em termos históricos.

---

<sup>4</sup> Trago aqui a perspectiva deste teórico apenas para refletir sobre as noções de identificação e de prática a partir de uma perspectiva socioantropológica. Contudo, não compartilho de alguns dos efeitos de sua argumentação, em especial os apontamentos que realiza, posteriormente à obra que aqui cito (BOURDIEU, 2007), sobre a dominação masculina.

O termo “poliamor”, segundo pesquisadoras/es que se debruçaram anteriormente sobre o tema (CARDOSO, 2010; HARITAWORN et al, 2006; PILÃO, 2012; RUST, 1996; SHEFF, 2005), teria surgido na década de 1990, em dois momentos distintos – um ligado a vertentes ditas mais esotéricas, com um fundo espiritualista e pagão, e outro ligado a uma perspectiva considerada mais cosmopolita. Ainda em termos históricos, o primeiro momento aconteceu em um evento na cidade de Berkeley, no estado da Califórnia (Estados Unidos), que objetivava criar um glossário transcendentalista, reunindo neopagãos que pertenciam à então chamada Igreja de Todos os Mundos<sup>5</sup>. Ainda segundo os/as autores/as citados/as, o momento posterior se deu no âmbito da *internet*, quando foi criado, em 1992, um grupo de discussões *online* que utilizou o termo *polyamory* (poliamor, em inglês) como substitutivo de não-monogamia. A proposta, afirmam Haritaworn et al (2006), tinha um cunho de autoajuda, por se tratar de um grupo que intencionava ajudar a solucionar, a partir do fórum de debates, problemas oriundos de seus relacionamentos amorosos.

Segundo Pilão (2012), no Brasil a distinção entre as duas vertentes não é significativa, “sendo muito pequena a circulação de livros estrangeiros e as menções sobre o poliamor fora do país” (PILÃO, 2012, p. 23). Todavia, esta afirmação carece de maiores fontes, considerando o estudo generalista e pouco profundo de Pilão (2012). Este autor tece diversas generalizações a respeito de um poliamor que ele parece supor ser único em todo o Brasil, estabelecendo como ponto de comparação somente as produções advindas da Europa e dos Estados Unidos. Compreendo que tal empreendimento comparativo em escala internacional tenha se dado pela ausência de etnografias em contextos brasileiros, contudo há trabalhos sobre a temática produzidos, por exemplo, em outros países da América Latina. De todo modo, o injustificável é a naturalidade com que o autor disserta sobre “o poliamor no Brasil”, ainda que se possa argumentar que nas fontes de pesquisa que ele utilizou (grupos de discussão em páginas de *internet*) havia sujeitos de diversas partes do país. Meu argumento é o de que, ainda assim, fazer generalizações acerca da “identidade poliamorista no Brasil” (no singular) sem considerar especificidades e contingentes locais faz com que a pesquisa seja um empreendimento antropológicamente pouco satisfatório. Por outro lado, devo reconhecer que, ainda que com pouca densidade, os temas que Pilão (2012) se propõe a discutir no sumário de sua dissertação em muito se coadunam com as principais questões daquilo que observei na etnografia que realizei no Poliamor Brasília<sup>6</sup>. Nesse sentido, parto agora para a discussão mais relacionada ao trabalho de campo que realizei.

A partir do trabalho de campo, notei que a principal característica do poliamor apontada por seus/suas adeptos/as é a possibilidade de todas as partes envolvidas na relação estarem abertas para amarem mais de uma pessoa simultaneamente e serem amados/as reciprocamente. Este é o ponto mais ressaltado por interlocutoras/es quando questionadas/os sobre o que seria o poliamor. Ou seja, a definição parte, antes de tudo, de uma recusa à monogamia e ao amor romântico como orientadores de suas práticas afetivo-amorosas. Isto é, ao dizerem que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e permitirem a si e ao outro viver relações amorosas simultâneas, poliamoristas, se posicionam criticamente em relação à perspectiva do amor romântico. Para Regina Navarro Lins (1998), autora acionada por poliamantes na crítica ao amor romântico e à monogamia, as relações

---

<sup>5</sup> Na bibliografia especializada sobre o tema, aponta-se que um dos livros mais conhecidos sobre o poliamor, publicado em 1997 e intitulado *Polyamory: The New Love Without Limits* (1997), de autoria de Deborah Anapol, é parte desta vertente.

<sup>6</sup> Refiro-me às diferenciações entre poliamor e outras formas de não-monogamia, a problemática do ciúme, da (in) fidelidade e do amor romântico, bem como as temáticas de identidade, gênero e conjugalidade que ele elege como centrais em sua pesquisa. O problema de seu estudo é, acredito, sumariamente metodológico.

não-monogâmicas tentam romper com as seguintes afirmações da ideologia do amor romântico:

- Só é possível amar uma pessoa de cada vez.
- Quem ama não sente tesão por mais ninguém.
- O amado é a única fonte de interesse do outro.
- Quem ama sente desejo sexual pela mesma pessoa a vida inteira.
- Qualquer atividade só tem graça se a pessoa amada estiver presente.
- Todos devem encontrar um dia a pessoa *certa* (LINS, 1998, p. 30, grifo da autora).

Do ponto de vista de poliamoristas, todas estas afirmações são ideais e, por isso mesmo, impossíveis de serem alcançadas em plenitude. Ainda assim, criticam a insustentabilidade das relações baseadas única e exclusivamente no desejo sexual. Praticamente todas/os integrantes do Poliamor Brasília com quem tive contato compartilham da ideia de que na monogamia e no amor romântico há um discurso hipócrita sobre a dimensão das relações amorosas, tendo em vista que mesmo em relações monogâmicas pode acontecer de ambas as partes se apaixonarem por alguém de fora da relação. E mais que isso: tais paixões, chamadas extraconjugais, acontecem, e se configuram como traição ou infidelidade, justamente por haver a ideia *a priori* de exclusividade no relacionamento.

No âmbito dessa argumentação, os próprios sujeitos com quem convivi costumavam acionar, por meio de publicação no grupo do *Facebook*, opiniões e comentários a respeito da obra da psicanalista Regina Navarro Lins, em especial o livro *A Cama na Varanda* (2007), no que diz respeito aos seus comentários sobre amor romântico e liberdade afetiva.

## **Poli-encontros e incitações ao debate**

A primeira vez que me encontrei pessoalmente com membros do grupo aconteceu numa sexta-feira, dia 22 de agosto de 2014. Havia sido combinado no *Facebook* um encontro informal no bar Por-do-Sol, em Brasília/DF. Descrevo o momento a partir de anotações que fiz em meu caderno de campo:

*[...] Em determinado momento, me entregaram um caderno. Questionei para a pessoa que me entregou sobre o que se tratava. Ela me respondeu que era um caderno de perguntas, dúvidas, sugestões de temáticas para os próximos encontros e críticas para o grupo. O caderno ainda estava em branco. Percebi que havia certo constrangimento entre os/as presentes em escrever no caderno, e eu mesmo decidi por não o fazer naquele momento, ainda que meus questionamentos fossem diversos. Continuei a conversar sobre os assuntos que circulavam pela mesa, percebendo que na medida em que o tempo passava, mais e mais pessoas chegavam para este happy hour.*

*Por volta das 20h30, um pequeno grupo sugeriu que debatêssemos um pouco sobre algumas questões que haviam sido feitas no caderno mencionado acima. Todos/as aceitaram a proposta, mas concordaram que realizar o debate no bar não seria boa ideia, posto que havia mais de 30 pessoas e que muito provavelmente seria difícil de ouvir todo mundo. Optaram, então, por pagar a conta e sentar na área aberta debaixo do bloco residencial ao lado do bar. Sentamo-nos em um círculo. A primeira pessoa a se apresentar foi Renata, idealizadora do grupo. Ela fez uma apresentação rápida, dizendo nome, idade e qual graduação estava cursando na UnB. Agradeceu a presença de todas/os e contou um pouco sobre as motivações de criar o Poliamor Brasília. Renata concluiu sua breve fala dizendo que estava criando um grupo que funcionaria como moderação dentro do Poliamor Brasília, tendo em vista que o grupo estava crescendo em uma velocidade muito grande e que ela não daria conta de administrá-lo sozinha. Passou a palavra para a pessoa ao lado, no sentido de continuar as apresentações a fim de que todas/os pudessem se conhecer minimamente antes que começasse o debate.*

*As perguntas não eram muitas, e inclusive algumas delas tinham um conteúdo repetido. Versavam basicamente sobre a definição do que seria poliamor e sobre como é ter uma relação poliamorosa. A primeira questão (“qual é a definição de poliamor?”), que eu então julguei que seria de simples resposta, levou cerca de 40 minutos de debate. Para a minha surpresa, diversas opiniões, algumas inclusive divergentes, foram lançadas sobre a definição do que seria poliamor. Houve quem defendesse até mesmo que não havia necessidade de definição, afinal cada relação é única e subjetiva. Outras/os afirmavam a importância de se chegar a um denominador comum para o grupo, até mesmo porque muitas/os ali nunca haviam passado pela experiência de viver uma relação poliamorosa, e que portanto seria desejável que chegassem a um consenso (Trecho do diário de campo).*

Esta foi a primeira demonstração de um dos pontos mais curiosos da etnografia. Na ocasião, minha hipótese sobre o debate acerca da definição da ideia de poliamor era a de que o grupo, por estar no início, estaria ainda delineando suas diretrizes, suas perspectivas. Ao longo de todo o ano que acompanhei o grupo de perto, me deparei com o mesmo debate sempre retornando a esta mesma tecla. Naquele dia, a conversa só não durou mais porque já estava ficando tarde para algumas pessoas que teriam que pegar ônibus para voltar para casa (que em Brasília param de passar à meia-noite), e também porque o debate não havia sido necessariamente programado.

Assim, resta dizer, à luz do relato etnográfico acima, que o questionamento de poliamoristas é: se nas relações monogâmicas há uma frequência muito forte de infidelidade, não seria o caso de reconhecer que este é um modelo exclusivista falido? Se boa parte das relações amorosas acaba por motivos de ciúme, de infidelidade e de angústia por estar apaixonado por outrem, por que não assumir que amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo (e ser amado/a por mais de uma pessoa) é comum? E mais do que isso, que é uma possibilidade de novos arranjos de parentesco e de noção familiar?

Para Bauman (2004, p. 31), “o fracasso no relacionamento é muito frequentemente um fracasso na comunicação”, tendo em vista que o diálogo pode resultar em: perco meu amor ou dou a ele o direito de liberdade afetiva? É possível amar sem possessão? Essas questões foram amplamente debatidas nos encontros entre membros do grupo Poliamor Brasília. Sendo assim, ainda que boa parte dos debates e das conversas ocorressem no Facebook e no WhatsApp, estes encontros marcavam um momento de socialização não somente de ideias e opiniões, mas também de atitudes e de expressões faciais.

Nos “poliencontros” (categoria êmica), em que estive presente em seis das oito edições durante o período de trabalho de campo, geralmente elegia-se uma temática para debate entre os/as presentes, que ocorria sempre no modelo de roda de conversa. O grupo em questão dava muita importância para o debate e para as discussões em torno das temáticas elegidas. A partir de minhas observações, notei que uma das principais razões de as reuniões acontecerem dessa forma, ou seja, por meio de constantes debates e discussões, é que a maioria das/os participantes nunca havia tido alguma relação poliamorosa. O que, de alguma maneira, trata-se também de idealizações. Se por um lado o amor romântico é criticado por ser uma idealização, por outro, é preciso questionar nesse texto: por que estes sujeitos não conseguiram sair de suas idealizações e colocá-las em prática em seus relacionamentos? Inclusive, para não desqualificar quem ainda não é praticante do poliamor no sentido efetivo do termo, essas identificações coletivas permitem que se digam poliamantes mesmo não estabelecendo relações amorosas simultâneas.

De acordo com Anthony Giddens (1993), relacionamento humano se tornou modelo alvo ideal predominante da parceria humana e por isso mesmo suscita idealizações das mais diversas, mesmo quando não há a prática. Ainda para esse autor, é também motivo de frustração quando estas idealizações não são minimamente alcançadas. Em contrapartida, não é todo mundo que não alcança estes relacionamentos, inclusive porque quem criou o

grupo vive relação poliamorosa. Nesse sentido, os poliencontros permitiam que estes sujeitos pudessem ouvir relatos e experiências de relações de poliamor da perspectiva de quem as vive, seus pontos negativos e positivos etc. A maioria das perguntas eram direcionadas a quem já viveu ou vive relação poliamorosa.

Nesses casos, geralmente as perguntas de foro mais pessoal não eram respondidas; educadamente, diziam que a pergunta era “íntima demais”, ou seja, que entrava demais em questões de ordem sexual, ou do cotidiano das relações de afeto que eles/as preferiam não expor. Contudo, não se pode dizer, baseado no que observei a partir dos encontros, que há uma regra específica de como acontece a negociação para a inserção de uma terceira pessoa no relacionamento. Por vezes, é negociado desde o início, em outras ocasiões a negociação do/a parceiro/a acontece quando o desejo ou amor é mais visibilizado. Em alguns casos, pode ocorrer a negociação sobre com quem se pode ou não se relacionar.

Nesse sentido, as manifestações de membros do grupo nos poliencontros se davam ou por meio de dúvidas direcionadas a quem já viveu o poliamor, ou através de relatos e experiências vividas em relacionamentos monogâmicos (antigos ou atuais). Parece-me apropriado associar esta perspectiva de debate às formulações daquilo que Michel Foucault (1985) chamou de “cuidado de si”. Tal entendimento se encontra em momento posterior à fase genealógica do autor, em que esteve preocupado especialmente com a atuação de dispositivos de poder e de sua teoria sobre biopolítica (FOUCAULT, 1988; 2008a; 2008b). Nessa fase, incompleta por conta de sua morte, o autor se alia à ideia de realizar uma hermenêutica do desejo e do sujeito. Nesse sentido, dá mais atenção às formas de subjetividade, isto é, às maneiras pelas quais o indivíduo se reconhece enquanto sujeito.

Para essa empreitada teórica, Foucault (1985) retorna ao período clássico grego para investigar como, desde aquela época, muitas técnicas eram empregadas para o cuidado de si, localizando-a sobretudo nas obras platônicas que apresentam os diálogos socráticos. É em *Apologia de Sócrates*, de Platão, que o autor localiza uma das principais falas socráticas do cuidado de si: “(...) é enquanto mestre do cuidado de si que Sócrates se apresenta a seus juízes: o deus mandou-o para lembrar aos homens que eles devem cuidar, não de suas riquezas, nem da sua honra, mas deles próprios e da sua própria alma” (FOUCAULT, 1985, p. 50). Para Foucault (1985), portanto, o cuidado de si “não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 1985, p. 57).

Hall (2011) comenta que esta etapa do trabalho de Michel Foucault “trata-se de um avanço importante, uma vez que, sem esquecer a existência da força objetivamente disciplinar, Foucault acena, pela primeira vez em sua grande obra, à existência de alguma paisagem no interior do sujeito” (HALL, 2011, p. 125). Para ele, o caminho percorrido por Foucault ao se voltar para o interior do sujeito mais do que para as instâncias que supostamente o controlariam a todo custo, aponta para aquilo que foi melhor trabalhado por Judith Butler (2008; 2010) a respeito do seu conceito de performatividade, por unir a dimensões das práticas de discurso e do inconsciente.

Dessa maneira, a busca por definição do que seria o poliamor não dizia respeito somente a um esforço coletivo de criação de um conceito; mais que isso, essa busca era parte daquilo que subjetivamente os membros do grupo estavam acionando: uma tentativa de dar sentido aos seus sentimentos, na maioria das vezes oriundos de incômodos e queixas às normatividades em torno das relações afetivas monogâmicas. A entrada no grupo e a participação nas conversas *online* e nos poliencontros, ainda que não resultassem efetivamente na prática imediata de relações poliamorosas, pareciam ser parte fundamental deste cuidado de si em torno de suas emoções e de seus sentimentos.

Sendo assim, um dos primeiros poliencontros aconteceu no Parque da Cidade e o tema foi justamente “O que é o Poliamor?”. Não pude comparecer a este encontro, posto

que não estava em Brasília<sup>7</sup>, contudo obtive algumas informações sobre ele posteriormente, em conversas informais com interlocutores/as.

É possível afirmar que o poliamor propõe que as pessoas permitam a si e aos outros darem vazão aos seus sentimentos amorosos para além do modelo monogâmico (hegemônico) evitando o ciúme, o sentimento de posse e a infidelidade, desde que haja conhecimento e consenso entre os/as participantes da relação. Portanto, a liberdade afetiva enquanto categoria êmica pode ser entendida a partir desta frase: “é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e estabelecer relações afetivo-amorosas simultâneas com o consentimento de todas as pessoas envolvidas”. A consensualidade, nesse caso, é o que marca a distinção entre uma relação em que se permite amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo (e também ser amado/a) e uma relação exclusivista em que pode acontecer de ambas as partes amarem mais de uma pessoa, mas que isso não é falado, não é conversado e, na maioria das vezes, não é permitido.

## Poliamor e seus “Outros”

Nesse contexto, participei de um poliencontro que aconteceu no Parque de Águas Claras, como afirmei acima. Na ocasião, a sociabilidade tomou ares de piquenique, sendo inclusive divulgado como “PicNic do Amor”. O tema do encontro foi “Ciúmes”, um dos principais tópicos de discussão no Poliamor Brasília, e talvez um dos que mais gere polêmica e debates. Isso porque, de acordo com Bauman (2004, p. 33) “todos os amantes desejam suavizar, extirpar e expurgar a exasperadora e irritante alteridade que separam daqueles a que amam. Separar-se do ser amado é o maior medo do amante, e muitos fariam qualquer coisa para se livrarem de uma vez por todas do espectro da despedida”. O ciúme é um sentimento negativo sob o ponto de vista de poliamantes, uma vez que aprisiona as pessoas em vez de libertá-las. Nesse caso, o ciúme é motivo de conversa entre os casais que se dispõem a inserir uma terceira pessoa no contexto, de maneira consensual.

A consensualidade (nos termos colocados pelo poliamor) não é exclusividade do discurso poliamorista. Isto porque há outras modalidades de relações não-monogâmicas que poliamoristas colocam como pontos de comparação ao poliamor, quais sejam: 1) as relações livres (RLi)/amor livre, geralmente ligadas às perspectivas mais anárquicas, que seriam relações não pautadas na obrigatoriedade do estabelecimento de vínculos afetivo-amorosos e sexuais; 2) o relacionamento aberto, entendido como uma relação inicialmente monogâmica que abriu espaço para ambas as partes se relacionarem com outras pessoas, mas não estabelecendo vínculos afetivo-amorosos mais profundos, resumindo-se muitas vezes à liberdade de ter relações sexuais com terceiros/as; 3) a poligamia, apontada como uma prática de conjugalidade culturalmente localizada em que o homem detém o poder sobre diversas mulheres, não havendo necessariamente a consensualidade e a liberdade afetiva entre todas as partes; e 4) as práticas de *swing*, apontadas como problemáticas por se tratarem de relações restritas à liberdade sexual (o afeto permanece na célula do casal monogâmico). Nesse sentido, há uma constante comparação do poliamor com outras formas de relacionamento afetivo-amoroso e sexual, permitindo a interpretação de que ele é compreendido muito mais por aquilo que ele não é, ou seja, a partir da produção social de identidades e diferenças.

A perspectiva dos estudos culturais, embora criticada por alinhar-se de alguma maneira às correntes autointituladas pós-modernas, é relevante para refletir sobre os processos de identidade e diferença, sobretudo a partir da teoria das identidades culturais de Hall (2005; 2011). Isto porque este autor leva em conta, em suas análises, também a dimensão

---

<sup>7</sup> Viajei para Natal/RN, por ocasião da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, que ocorreu de 3 a 6 de agosto de 2014.

da linguagem nos processos de identificação e de diferenciação. Sendo criadas a partir da linguagem, identidade e diferença não são, portanto, essências, nem muito menos naturais; são produzidas cultural e socialmente a partir, sobretudo, de nomeações. É preciso dizer o que (se) é para a produção daquilo que não (se) é, e vice-versa.

Além destes aspectos discursivos da identidade, chamo a atenção também para aquilo que Jacques Derrida (1971) diz sobre a indeterminação fatal da linguagem, como bem lembra Tomaz Tadeu da Silva (2011). Para o teórico francês, contrapondo-se a Saussure, ela (a linguagem) enquanto sistema de significação é uma estrutura instável. E isso ocorre justamente porque o signo é um sinal, um traço que está no lugar de outra coisa, não se trata de uma essência de algo em si. Poderíamos ficar tentados a qualificar o poliamor como um objeto, caso não fosse perceptível que o poliamor enquanto signo vai além daquilo que é o próprio poliamor, uma vez que se aciona um conjunto de significantes agrupados em torno desse termo. Chamo atenção para isso porque “o signo não coincide com a coisa ou o conceito” (TADEU DA SILVA, 2011, p. 78), uma vez que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade proclamada.

De acordo com a *Gramatologia*, de Derrida (1973), o pensamento ocidental se baseia em oposições binárias. Contudo, ele desconstrói esse raciocínio, baseado em percepções matemáticas e linguísticas, por constatar que uma proposição, uma sentença, não decorre unicamente dos extremos verdadeiro ou falso, uma vez que em toda lógica há o que ele chama de lei do terceiro excluído. “Para Derrida, essa contradição inevitavelmente abala a verdade do conhecimento” (STRATHERN, 2002, p. 31), já que se trata de uma *aporia*, ou seja, uma contradição interna. A identidade, nesse processo, não pode ser subsumida somente àquilo que a enuncia, posto que “tudo que encontramos na linguagem é um sistema de diferenças, e o significado, simplesmente, emerge dessas diferenças” (STRATHERN, 2002, p. 30).

A dimensão das subjetividades permite a exploração “dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas da identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares” (WOODWARD, 2011, p. 56). Assim, a subjetividade envolve sentimentos e emoções, entre demais aspectos que são próprios do sujeito. Todavia, isso não significa dizer que não haja contradições nestes processos de identificação, uma vez que os conjuntos (ou ainda, sistemas) de significados construídos pelos discursos só podem fazer sentido se eles nos mobilizam enquanto sujeitos. Dessa maneira, os sujeitos são assujeitados ao discurso, por meio do qual assumem as posições com as quais se identificam – que são transitórias, processuais, e por vezes contraditórias, posto que estes processos não se dão em âmbito exclusivamente consciente e racional.

Além disso, o conceito de poliamor e esse processo identitário dizem respeito às esferas que vão além das escolhas e dos arranjos individuais de conjugalidades, uma vez que tensionam marcadores sociais da diferença e instituições tais como o casamento, a família, dentre outros. Por isso, avanço a discussão agora para as diferenciações promovidas pelos sujeitos que compõem o Poliamor Brasília e, a partir delas, as tensões relacionadas às relações de poder presentes nestes discursos que marcam hierarquizações de afetos e que produzem identidades e subjetividades.

O primeiro ponto de comparação e diferenciação (depois da monogamia e do amor romântico) estabelecido por poliamoristas com quem convivi são as relações livres (RLi). As RLi são formas de não-monogamia nas quais há uma perspectiva anárquica, muito ligada aos ideais do amor livre pregados por *hippies* desde a década de 60 (ALBERT, 1980). A proposta é a de fazer frente aos relacionamentos ditos burgueses, rompendo não só com a monogamia, como também com as ideias em torno da noção de relacionamento e de casamento, ou ainda,

com a necessidade de se estabelecer relações afetivo-amorosas estáveis<sup>8</sup>. Na própria apresentação do grupo na página do *Facebook*, já consta uma primeira comparação com as RLi: “*Queremos deixar claro que Poliamor e Relações Livres não são a mesma coisa. No entanto, há pontos em comum e acreditamos que somos parceiros na causa não-monogâmica*”.

Segundo poliamoristas, o poliamor se distingue das RLi porque ele defende um tipo de relacionamento baseado na possibilidade de se estabelecerem múltiplas relações com foco no sentimento amoroso, enquanto que nas RLi não há a premissa dos acordos, pois nestas últimas a ideia de liberdade afetiva é levada a cabo inclusive no sentido de implodir uma lógica burguesa de gestão dos afetos. Da perspectiva das RLi, não é preciso justificar os relacionamentos afetivos a partir do amor, isto é, não colocam como fundamento principal o amor em suas relações, pois estão preocupados também com a liberdade sexual, a individualidade e autonomia dos sujeitos etc. Nesse sentido, percebe-se que em algumas situações o poliamor se conecta com o amor romântico muito mais do que com as RLi, no sentido de que, ao acionarem o amor como fundamental para a existência e a manutenção de suas relações, poliamoristas se aproximam de alguns dos valores propagados pelo amor romântico (ainda que a crítica ao exclusivismo nas relações afetivas seja praticamente unânime no Poliamor Brasília). É claro que o entendimento do termo “amor”, para poliamoristas, está mais ligado às propostas de liberdade afetiva propagadas pelas não-monogâmias do que os ideais do amor romântico; no entanto, chamo a atenção aqui justamente para o deslizamento dessas fronteiras e para a necessidade de olhar para elas prestando atenção nas aproximações e nos distanciamentos possíveis entre essas formas de arranjos afetivo-amorosos. O diálogo abaixo, que aconteceu em âmbito *online*, sintetiza muito bem o ponto de vista de sujeitos RLi nos debates dos encontros presenciais quando a pauta era comparar poliamor e relações livres:

Cláudia: eu fico chateada com esse grupo porque eu sou RLi e acho que me relacionar com a galera do poliamor é super difícil, porque são dois movimentos super diferentes, pra mim. Poliamor implica em ter relacionamentos com várias pessoas, há de certa forma uma exclusividade, mesmo que entre poucas pessoas. Implica em se ater de formas talvez mais formais de relação. RLi é a ausência de relacionamento, somente a presença de relações. Não acho o poliamor tão transgressor, pois ainda sinto umas etiquetas de relacionamento que se aproximam do relacionamento aberto e se distanciam das relações livres.

Gabriela: Isso depende, Cláudia. Existem vários tipos de poliamor, eles podem ter vários formatos. Tem uns que tem muito de monogamia mesmo, outros nem tanto. Eu pelo menos não consigo ter relações superficiais com as pessoas, a coisa sempre aprofunda e vai pro companheirismo. Não considero isso menos RLi que qualquer outra.

Cláudia: eu concordo contigo, Gabi, entendi tuas possíveis formas de se relacionar. Isso é muito massa, mas eu tenho problemas com intimidade, às vezes eu acho que as pessoas que não lidam bem ou escolhem não lidar com os sentimentos são super incompreendidas. Eu curto ficar só. Pra mim, uma relação que funcionaria só poderia acontecer se esses limites forem respeitados, você entende?

Raquel [mulher, negra, adepta das RLi]: eu já fui chamada de sem coração por uma das parceiras com as quais eu me relaciono. Penso sim em sentimentos, emoções. Sexo pra mim é sempre muito secundário nas minhas relações. Mas talvez nesse sentido de pedir permissão... pedir permissão, pra mim, é passar por cima da minha autonomia enquanto ser livre e não escrava. Se ser poli é isso, como entendi da única vez que fui a uma reunião presencial do grupo, eu definitivamente NÃO SOU POLI! (*Facebook*, setembro de 2014).

---

<sup>8</sup> É importante pontuar que as RLi foram criadas há cerca de 10 anos por um grupo de pessoas em Porto Alegre/RS enquanto um movimento social de contestação política.

Assim, percebe-se que são constantes os deslizamentos das fronteiras entre as não-monogâmias, em especial poliamor e RLi. As identificações subjetivas com essas duas formas de relação afetivo-amorosa parecem se cruzar em alguns momentos (geralmente no que se refere à liberdade afetiva), contudo se distanciam em outros, quando por exemplo se coloca em xeque a questão do desejo sexual. Muito embora, conforme pode ser visto a partir das falas de Cláudia, Gabriela e Raquel, não necessariamente ser RLi é desvincular amor de relação sexual e vice-versa, conforme prega boa parte de poliamoristas.

Outro ponto muito levantado sobre a distinção entre poliamor e RLi é uma das formas de acordo existentes em diversas relações de poliamor: a polifidelidade (consiste em um nível de fidelidade entre as pessoas que estão participando de uma relação de poliamor). Vale ressaltar que ela não é adotada por todas/os poliamoristas, mas é uma especificidade dessa forma de não-monogamia em relação às outras comumente levantada como ponto de diferenciação. Segundo Pilão (2012) sobre este tema, “entre os poliamoristas brasileiros a predominância é o valor da honestidade ‘a si mesmo’, envolta por discursos que enfatizam a permanente abertura de possibilidades amorosas, independência em relação aos parceiros e originalidade da construção de si” (PILÃO, 2012, p. 92). No contexto do Poliamor Brasília a polifidelidade é amplamente criticada por reproduzir práticas e moralidades das relações monogâmicas, especialmente no que se refere às opressões em termos de gênero no âmbito das relações afetivas.

Isso leva, inclusive, alguns/mas dos/as adeptos/as a acionarem a categoria “poliamor livre” para indicar que aderem à ideia do poliamor, mas que têm preferência por relacionamentos com acordos menos rígidos, aproximando-se das perspectivas das RLi. A existência da ideia de poliamor livre é outro indício de que tais categorizações (poliamor, RLi etc) dizem muito pouco das experiências destes sujeitos se forem encaradas de forma estanque e unificada.

Para concluir as diferenciações entre poliamor e RLi apontadas por interlocutores/as, discutirei aqui a questão do contraste entre essas duas formas de não-monogamia no que se refere ao estabelecimento de relacionamentos estáveis (namoro, casamento etc). Em meados de novembro de 2014, ocorreu uma breve conversa no grupo do *WhatsApp* que demonstra bem essa perspectiva:

Amanda [23 anos, pansexual]: Uma dúvida: hierarquia nas relações. Como isso é pra vocês? É que eu sou RLi, então isso não faz muito sentido pra mim, mas tenho uma parceira que é poliamorosa e tenho me sentido cada vez mais em segundo lugar, sabe? Como se ela já tivesse uma relação primária e mais importante, por ter mais tempo. Como vocês lidam com isso? Rola essa hierarquização de relações no poliamor?

Marcelo [23 anos, estudante de direito]: Eu pessoalmente acho que é muito difícil mensurar todas as relações da mesma forma, mas também acredito que em relações "poliamor", essa "mensuração" não devia ser importante, justamente por não haver o compromisso nem posse tradicional. Então talvez você esteja se sentindo em segundo plano por ainda lidar com posse em relação a ela. Bem, posso estar errado, é só o meu ponto de vista da questão toda.

Renan: Amanda, você não vai gostar de uma pessoa que tá ficando há um mês igual gosta de uma pessoa que fica há anos, esse gostar vai sendo construído, assim como todo o resto da relação, não quer dizer que não gosta de você, simplesmente gosta das duas de formas diferentes. No poliamor você cria vínculos de amizade com o tal primário, sendo assim, essa hierarquia existe mediante o respeito e o reconhecimento de quem tá ali primeiro que você, isso não te torna menos importante, apenas tem que saber que uma relação se constrói com tempo, e com ele se aumenta a confiança, amor etc.

Ricardo [29 anos, advogado]: Acho que cada amor é diferente. Não significa que seja maior ou menor ou menos importante. Só diferente.

Amanda: Sim, eu concordo que as relações sejam diferentes e construídas com o tempo, mas o que me incomoda é essa divisão entre primário, secundário (e por aí vai) que vejo em algumas relações não-monogâmicas e a qual acho desnecessária e me remete a resquícios da monogamia. E acho que não, Christiano. Ou pelo menos eu acreditava que tinha superado boa parte dessa coisa de posse, mas a gente sempre pode melhorar, né?

Renan: [risos] sei lá, eu acho que se uma pessoa tá com a pessoa que estou ficando há mais tempo que eu, tem que ser respeitado e considerada sua parcela de importância, não dá pra bagunçar.

Mariana [28 anos, artista plástica]: Amanda, senti o que você está sentindo quando meu companheiro começou a se relacionar com outra pessoa. No caso, entendi que aos poucos ele se afastou pela euforia do novo, dos novos laços que ele estava construindo. É fato que em alguma medida se dê mais atenção para umx e menos para outrx, mas não acredito que essa "hierarquia" se dê por conta do tempo de relação. Ao menos no meu caso, não foi.

Este trecho de conversa mostra e ilustra a perspectiva de debate em torno das hierarquizações de relações afetivas nas relações não-monogâmicas em geral. Há todo um cuidado ao lidar com essas questões, posto que entre poliamoristas há a ideia de que as relações devam ser saudáveis é fundamental. Nesse sentido, a possibilidade do sentimento de ser “secundário/a” em uma relação não-monogâmica é uma apreensão muito comum entre poliamoristas. Do ponto de vista das RLi (como é mostrado no comentário de Amanda), as hierarquias nas relações afetivo-amorosas múltiplas supostamente não fazem sentido, uma vez que eles/as vão contra também a noção de um relacionamento estável, estabilizado, diferentemente da perspectiva do poliamor. A crítica que poliamoristas realizam às RLi nesse sentido é a de que lidar com as relações amorosas dessa maneira é em alguma medida “mais fácil” porque não é preciso lidar com as instabilidades dos relacionamentos, com as negociações diversas, com brigas e desentendimentos etc. Desse ponto, entre poliamoristas, há quem diga que adeptos/as das RLi vivem uma “moda”, algo relacionado à juventude, e que quando forem mais velhas, vão acabar se rendendo à possibilidade de terem relações mais estáveis. Como, por exemplo, certa vez Marcos, um dos membros do grupo, comentou que acha os/as RLi: “*muito infantis, superficiais, talvez tenha estereotipado*”. Trocando em miúdos, o poliamor parece exigir mais maturidade e responsabilidade.

A segunda forma de não-monogamia frequentemente citada são os relacionamentos abertos. Para muitos/as poliamoristas, o relacionamento aberto seria uma etapa para se chegar ao poliamor, ocorrendo geralmente quando o casal monogâmico se depara com a necessidade de abrir sua relação, pois começa a ter problemas com ciúmes, desejo afetivo-sexual por terceiros/as etc. Abre-se então a relação para outras pessoas, contudo sem a possibilidade de essa terceira entrar no relacionamento. Ou seja, trata-se *a priori* de uma abertura mais sexual do que afetiva por não permitir a expansão do sentimento amoroso para além do casal monogâmico, ponto criticado pelo poliamor, que acredita que suas relações afetivo-amorosas devam ter necessariamente o componente do amor. E, por se tratar de um sentimento considerado mais complexo (o amor), poliamoristas entendem que o relacionamento aberto seria uma etapa para o poliamor, isto é, o consentimento mútuo de que se pode amar mais de uma pessoa simultaneamente não faz parte dos relacionamentos abertos e por isso mesmo o poliamor seria mais maduro.

Tal ponto de vista não é consensual, pois há no poliamor quem o considere prepotente. De todo modo, em campo percebi que a maioria dos/as participantes dos debates apontava o relacionamento aberto como porta de entrada para o poliamor. Pilão (2012) também percebeu este fenômeno em seu trabalho, chamando-o de “carreira poliamorista”. Penso que o termo é problemático, inclusive porque não parece ser êmico, tanto que o autor assume (PILÃO, 2012, p. 58) que nenhuma das trajetórias de

interlocutores/as por ele analisadas correspondem ao modelo analítico que esboçou da “carreira poliamorista”, dividindo-a em onze etapas sucessivas.

Outro ponto não consensual e que se liga a esta discussão refere-se à necessidade ou não de estar em um relacionamento para alguém ser considerado/a poliamorista ou não. No primeiro debate presencial que participei, uma das opiniões levantadas foi a de que só se é poliamorista ao estar em uma relação afetivo-amorosa considerada enquanto tal. Isso porque, quando solteiras, as pessoas viveriam uma fase muito mais de experiências sexuais do que necessariamente amorosas; e também porque, considerando que os afetos vão e voltam, e que as opiniões, os gostos, as atitudes e os interesses mudam com o tempo, pode acontecer de alguém que está solteiro/a aderir a um relacionamento monogâmico, ou um relacionamento livre, ou um aberto, ou seja, não necessariamente um relacionamento poliamoroso. Em linhas gerais, o argumento foi o de que não é possível cristalizar o poliamor a ponto de ele existir na cabeça dos sujeitos como um ideal; assim, o poliamor seria uma prática, isto é, existe somente quando praticado.

Na ocasião, o argumento oposto a esse foi o de que o poliamor não existe somente quando praticado porque é uma proposta de vivência das relações afetivas, configurando-se como um estilo de vida. A partir desta perspectiva, o sujeito pode estar tanto solteiro/a quanto namorando uma, duas, três ou mais pessoas simultaneamente: ainda assim, ele/a é poliamorista porque se propõe e se dispõe a viver suas relações afetivas a partir de um tipo de não-monogamia que preza pela necessidade do amor e do vínculo (namoro, casamento etc) de maneira consensual. Além disso, há no Poliamor Brasília quem se identifica como poliamorista, mas que muitas vezes prefere namorar uma pessoa por vez, por considerar que assim fica mais fácil administrar seus afetos.

É o caso de Renan. Ele tem um passado com alguns relacionamentos monogâmicos, porém não entrou para o grupo necessariamente por frustração amorosa ou saída da monogamia; Renata e ele se conheceram a partir do grupo e começaram a namorar segundo os ideais do poliamor, contudo ele diz que prefere se manter monogâmico; não exatamente por falta de opção, como ele ressaltou certa vez em tom jocoso, mas porque acha mais interessante administrar uma relação por vez. Segundo ele, não saberia dar a atenção devida para mais de um relacionamento afetivo-amoroso simultaneamente. E, além disso, ressalta que nem sempre o seu desejo afetivo-sexual se orienta para outras pessoas quando está engajado em uma relação. Ou seja, temos no Poliamor Brasília o caso de alguém que se afina com os ideais da não-monogamia, está em uma relação de poliamor, contudo na prática prefere se manter monogâmico. Aqui, a monogamia perde um pouco o sentido de valor e assume o sentido real da prática, isto é, não são os ideais e valores da monogamia que orientam a prática afetiva de Renan, mas sim a monogamia, ou seja, se relacionar afetivo-sexualmente com somente uma pessoa por vez se torna sua prática social.

Outrossim, não posso me furtar a estabelecer comparação também com a poligamia, sendo este também um frequente debate do Poliamor Brasília, mais precisamente porque a poligamia é um termo usado por pessoas que não conhecem o poliamor, para fazer referência às práticas poliamoristas. Isso causa certo desconforto entre poliamoristas porque nas relações poligâmicas (tais como ocorre em diversos contextos culturais, dentre os quais os mais comentados são os mórmons e os *sheiks* árabes) não há a premissa da *igualdade* entre todas as pessoas envolvidas na relação. A questão da igualdade é um ponto fundamental para as relações poliamorosas: não basta haver consensualidade de se amar mais de uma pessoa simultaneamente: é preciso que tanto homens quanto mulheres (nos casos de relações de poliamor entre heterossexuais) possam exercer sua liberdade afetiva. Nesse sentido, a poligamia é sempre apontada enquanto uma realidade que poliamoristas não desejam como prática, tendo em vista que, para eles/as, a liberdade afetiva almejada só pode ser conquistada

pela via da igualdade afetiva entre homens e mulheres. No Poliamor Brasília, tal perspectiva é ainda mais forte por conta da constante presença de discussões, problematizações e reflexões feministas.

Por último, ressalta-se o *swing* como uma não-monogamia que contrasta com o poliamor. Em debates promovidos pelo Poliamor Brasília e no cotidiano das conversas de interlocutores/as, percebi que a comparação com as práticas de *swing* geralmente se dá em contextos em que o poliamor é lido, por pessoas “de fora”, como uma prática sexual. Com frequência, no entanto, tal leitura é enunciada a partir de um conjunto de categorias acusatórias que classificam o poliamor enquanto “pegação”, ou ainda, enquanto “desculpa para fazer putaria” (putaria e pegação são termos êmicos que fazem menção a relações sexuais casuais). Assim, poliamoristas costumam recorrer ao *swing* para mencionar uma prática de não-monogamia em que o foco é justamente a prática sexual: seriam casais monogâmicos que promovem “troca de casais”, ou seja, interação sexual entre os casais, livres de qualquer envolvimento afetivo. O debate com relação às práticas de *swing*, no Poliamor Brasília, é extenso porque há uma crítica feminista muito forte no grupo que em certa medida condena as práticas de *swing* por estas promoverem (do ponto de vista de poliamoristas) a interação sexual entre mulheres, não entre homens; ou seja, as mulheres (esposas, namoradas etc) acabam fazendo sexo entre si para satisfazerem o desejo sexual/fetichismo dos homens (maridos, namorados etc).

De qualquer maneira, destaco que para além da crítica feminista, há também o discurso poliamorista de que nas práticas de *swing* a não-monogamia é estritamente sexual, não havendo presença da liberdade afetiva. Isso é o que dizem os/as poliamoristas, que se valem da perspectiva do não-ser para se dizerem quem são. Ou seja, legitimam a identidade poliamorista a partir de regras bem estabelecidas para fugirem do que chamam de estigma. Dessa forma, tanto acionam um processo identitário quanto se eximem de críticas preconceituosas. Para Christian Kleese (2006), que explora justamente o poliamor a partir de seus Outros (outras formas de não-monogamia), a definição do poliamor vai mais além de meras classificações conceituais: por enfatizarem que poliamor não tem a ver com promiscuidade (e, dessa maneira, fazerem com que a tônica recaia mais no amor do que no sexo – dicotomia que deve ser colocada entre aspas), adeptos/as do poliamor passam a reafirmar seus afetos como uma espécie de “não-monogamia responsável”. Ao lançar mão de tais discursos, segundo o autor,

they inherently evoke other forms of non-monogamy (or monogamy) that are less or not at all responsible. A range of interesting questions emerges from this perspective: which non-monogamies are constructed as ‘responsible’ and can therefore claim to be truly polyamorous? Which non-monogamies are rendered problematic in this polyamory discourse and what are the mechanisms through which this is achieved? What kinds of non-monogamy are assumed to play the role of the ‘other’ to the ethical project of polyamory? (KLEESE, 2006, p. 572)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> “Eles/as evocam outras formas de não-monogamia (ou monogamia) que são menos ou nem um pouco responsáveis. Uma variedade de interessantes questões emerge dessa perspectiva: quais não-monogamias são construídas como ‘responsáveis’ e podem, portanto, reivindicar serem verdadeiramente poliamorosas? Quais não-monogamias se apresentam enquanto problemáticas nesse discurso poliamorista e quais são os mecanismos pelos quais isso é efetuado? Que tipo de não-monogamia é assumida para desempenhar o papel de ‘outro’ para o projeto ético do poliamor?” (tradução livre).

## Considerações Finais

É curioso que haja certa insistência, por parte dos/as participantes do Poliamor Brasília, em definir o que é o poliamor, mesmo que esses sujeitos entendam que não o definam quando se fala disso. De toda maneira, como já dito, no grupo em que pesquisei não é maioria quem vive relações poliamorosas, daí a reincidência de agendar diálogos para tratar desse assunto, que é muito caro para interlocutoras/es. Interpretei esse constante agendamento de debates promovidos por quem ainda não vive o que almeja viver a partir das formulações de Foucault (1984) sobre o cuidado de si. Isso porque no poliamor a busca por definição e as elaborações de um poliamor que se propõe ideal aludem à ideia apresentada pelo autor sobre a trajetória da prática do cuidado consigo mesmo/a, da atenção voltada para a resolução de conflitos internos de si. Assim, a perspectiva volta-se para as subjetividades, ou seja, para como eles/as olham para si e elaboram, reelaboram, debatem e sintetizam ideais de vivências afetivo-amorosas. Com efeito, todos esses debates em torno da definição do poliamor estão permeados por processos de identificação que surgem enquanto enunciados e práticas em torno de possibilidades afetivas não-monogâmicas. Dessa maneira, os encontros eram fóruns de dúvidas para serem sanadas por aqueles poucos sujeitos que já tiveram a experiência de viver uma relação poliamorosa e que, assim, poderiam oferecer suporte e ajuda para quem ainda não as viveu.

Inegavelmente, esta perspectiva que ronda os discursos (ainda que sutis) de parte dos membros do Poliamor Brasília é permeada por moralidades. Isso porque ao lançarem mão da ideia de liberdade afetiva, evitam por tudo que esse conceito de liberdade seja confundido com libertinagem. Há a proposta de uma nítida diferença entre os conceitos de liberdade e de libertinagem. Liberdade seria a escolha de não se limitar a amar uma pessoa de cada vez. Por sua vez, a libertinagem seria a falta de compromisso consigo próprio e com outrem em estabelecer certa rotatividade de encontros amorosos e sexuais. Sendo assim, grupos tais como RLi, *swing*, relacionamento aberto, se enquadrariam na libertinagem devido à efemeridade e à ausência do sentimento de amor como fundamental para estabelecimentos de relacionamentos (mais profundos).

Nota-se que esse debate transcende a eles/as mesmos/as. Embora respaldados/as por valores do individualismo como, por exemplo, a busca por liberdade de escolha em termos afetivo-amorosos, ou a liberdade por amar mais de um/a ao mesmo tempo, dentre outros já citados nesse artigo, o poliamor só é vivido com consensualidade, ou seja, com a condição de concordância de opiniões, de pensamentos e de sentimentos, que só é possível em coletividade e em negociações entre, pelo menos, duas pessoas. Muito embora seja válido mencionar também que os processos de identificação com o poliamor não são ausentes de conflito e tensões. Há toda uma problemática envolvendo acusações de promiscuidade por parte de sujeitos monogâmicos em relação a poliamoristas. Acusa-se estes de serem promíscuos pelo simples fato de proporem arranjos conjugais para além da monogamia.

Além disso, a própria atribuição de promiscuidade (que incide sobre a ideia de liberdade afetiva enquanto libertinagem) afeta negativamente muito mais as mulheres que os homens, uma vez que estas são as consideradas “putas”, enquanto que eles os “garanhões”. Talvez por isso a presença de feministas no grupo seja considerável, tendo em vista que a noção de liberdade afetiva nesse caso alia-se diretamente às lutas dos feminismos por igualdade de gênero.

Essas e outras questões, absolutamente pertinentes, serão exploradas em próximos artigos. Por ora, registro a riqueza dos debates promovidos por poliamoristas em sua busca por realidades menos normativas, ainda que no processo, conforme aponta Kleese (2006), por vezes esbarrem em elaborações normativas e normalizadoras.

## Referências

- ANAPOL, Deborah. **Polyamory: The New Love without Limits**. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção – crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007 [1979].
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed, 2008 [1991].
- \_\_\_\_\_. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CARDOSO, Daniel. **Amando Vári@s – Individualização, Redes, Ética e Poliamor** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- DERRIDA, Jacques. **A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas**. In: **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 229-249.
- \_\_\_\_\_. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. Curso dado no Collège de France (1977-1978) São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **O nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 3 – o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1 – a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal,
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1993.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. DP&A Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Quem precisa da identidade?** In: TADEU DA SILVA, Tomaz (Org). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. 10ª edição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.
- HARITAWORN, J., LIN, C., & KLESSE, C. **Poly/logue: A Critical Introduction to Polyamory**. **Sexualities**, 9(5), 515-529, 2006.
- KLEESE, Christian. **Polyamory and its ‘Others’: contesting the terms of non-monogamy**. **Sexualities**, 9(5), 2006, p. 565-583.
- LINS, Regina Navarro. **Na cabeceira da cama**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A cama na varanda**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo em Movimento**. São Paulo: Editora Francis, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia**. **Cadernos Pagu** (42) jan-jun, 2014a, p. 13-46.
- \_\_\_\_\_. **Políticas Sociais e Gênero como Interdisciplinaridade e Paradigma**. In: Secretaria de Políticas para as Mulheres (Org). **Capacitação para os Mecanismos de Gênero no Governo Federal**. Brasília: Presidência da República, 2014b. p. 91-116.
- STRATHERN, Paul. **Derrida em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PILÃO, Antônio Cerdeira. **Poliamor**: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. 113p.

RUST, P. C. 'Monogamy and Polyamory: Relationship Issues for Bisexuals', in B. A. Firestein (ed.) **Bisexuality**, pp. 53–83. London: Sage, 1996.

SHEFF, Elisabeth. **Gender, family and sexuality**: exploring polyamorous community (Dissertação de Mestrado). Departamento de Sociologia, Universidade do Colorado, Boulder, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: TADEU DA SILVA, Tomaz. **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. 10ª edição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.